

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS HALOTI-PARESI: DESAFIOS, CONQUISTAS E PROTAGONISMO DAS MULHERES INDÍGENAS

Haloti-Paresi (auto)biographical narratives: challenges, achievements and protagonism of indigenous women

Narrativas (auto)biográficas Haloti-Paresi: desafios, logros y protagonismo de las mujeres indígenas

Neudvania Onaezokenazokaerose
Mestranda do PPGECEII/UNEMAT, Licenciada em Pedagogia Intercultural pela FAINDI/UNEMAT. Professora da rede municipal da Escola Municipal Indígena Zoitoerô.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0257-2858>

E-mail:

neudvaniaonaezokenazokaerose@gmail.com

Amanda Pereira da Silva Azinari
Doutoranda em Educação UFMT, Mestre em Educação pela UNEMAT, Licenciada em Pedagogia UNEMAT campus de Juara. Professora efetiva da rede estadual de educação básica de MT.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9345-0219>

E-mail: amanda.azinari@unemat.br

ONAEZOKENAZOKAEROSE, Neudvania.
AZINARI, Amanda Pereira da Silva. Narrativas (auto)biográficas *Haloti-Paresi*: desafios, conquistas e protagonismo das mulheres indígenas. In: **Revista de Comunicação Científica – RCC**, Mai./Agos., Vol. I, n. 12, pgs. 90-107, 2023. ISSN 2525-670X.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 12 (2023)

ISSN 2525-670X

NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS HALOTI-PARESI: DESAFIOS, CONQUISTAS E PROTAGONISMO DAS MULHERES INDÍGENAS

Haloti-Paresi (auto)biographical narratives: challenges, achievements and protagonism of indigenous women

Narrativas (auto)biográficas Haloti-Paresi: desafíos, logros y protagonismo de las mujeres indígenas

Resumo

Este texto se refere a reflexões originadas no Trabalho de Conclusão de Curso construído em 2022 a partir do curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural da Faculdade Indígena Intercultural da UNEMAT. Abordamos fragmentos das narrativas (auto) biográficas da primeira autora e entrevista narrativa com duas mulheres (Haloti-Paresi) da aldeia Rio Verde e Kamae no Município de Tangará da Serra-MT. A discussão é pertinente ao provocar autorreflexões quanto aos espaços ocupados pelas mulheres Haloti no contexto do povo Haliti Paresi. Também traz elementos significativos para pensar como as narrativas (auto) biográficas são instrumentos metodológicos importantes para conhecer e visibilizar falas e histórias subalternizadas no contexto colonial e patriarcal do qual somos fruto.

Palavras-chave: Mulheres Haloti Paresi, (auto) biografia, narrativas, mulheres indígenas.

Abstract

This text refers to reflections originated in the Course Completion Work built in 2022 from the Licentiate Degree in Intercultural Pedagogy of the Intercultural Indigenous Faculty of UNEMAT. We approach fragments of the (self) biographical narratives of the first author and a narrative interview with two women (Haloti-Paresi) from the village of Rio Verde and Kamae in the municipality of Tangará da Serra-MT. The discussion is relevant in provoking self-reflections regarding the spaces occupied by Haloti women in the context of the Haliti Paresi people. It also brings significant elements to think about how (self) biographical narratives are important methodological instruments to know and make visible subaltern speeches and stories in the colonial and patriarchal context of which we are the result.

Keywords: Haloti Paresi women, (self) biography, narratives, indigenous women.

Resumen

Este texto hace referencia a reflexiones originadas en el Trabajo de Finalización de Curso construido en el año 2022 desde la Licenciatura en Pedagogía Intercultural de la Facultad Indígena Intercultural de la UNEMAT. Abordamos fragmentos de las narrativas (auto)biográficas del primer autor y una entrevista narrativa con dos mujeres (Haloti-Paresi) de la aldea de Rio Verde y Kamae en el municipio de Tangará da Serra-MT. La discusión es relevante al suscitar autorreflexiones sobre los espacios ocupados por las mujeres Haloti en el contexto del pueblo Haliti Paresi. También trae elementos significativos para pensar cómo las narraciones (auto)biográficas son importantes instrumentos metodológicos para conocer y visibilizar discursos y relatos subalternos en el contexto colonial y patriarcal del que somos resultado.

Palabras clave: Mujeres Haloti Paresi, (auto)biografía, narrativas, mujeres indígenas.

Introdução

O presente texto apresenta fragmentos do processo de pesquisa realizado com as mulheres *Haloti Paresi* no contexto do curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural da Faculdade Indígena Intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso. A pesquisa teve como objetivo geral refletir sobre a importância da mulher Haloti em seu papel como protagonista da sua história e da história do seu povo. Objetivos específicos foram: entrevistar três mulheres com destaque de lideranças entre o povo Haliti Paresi; mostrar a importância da participação da mulher Haloti em sua comunidade e povo; valorizar e visibilizar o papel da mulher Haloti e suas histórias.

A pesquisa emerge de reflexões sobre as mulheres indígenas em sua busca pelo seu espaço dentro da sociedade e dentro da própria comunidade Haloti, cuja pesquisa se baseou nas narrativas (auto) biográficas com aspectos metodológicos da (FERRAROTI, 2014). A escolha metodológica foi importante para visibilizar a luta das mulheres Haloti da aldeia Rio Verde e Kamae em Mato Grosso. Procurou-se registrar as conquistas das mesmas em áreas como saúde e educação, tendo esses espaços como possibilidade de participação e atuação educacional, política, econômica e cultural dentro da aldeia.

O papel da mulher indígena em seu espaço social é de grande relevância, pois a luta pela busca do mesmo tem sido grande. No documento final da I Marcha das mulheres indígenas o lema principal foi “Território, nosso corpo, nosso espírito” afirmando no documento construído coletivamente que era necessário o fortalecimento das mulheres indígenas por meio da organização coletiva (MARCHA, 2019). O texto se refere ao fato de que a mulher precisa estar inserida como protagonista também do seu povo, participando das decisões presentes e futuras. Partindo desta reflexão, fiz um recorte para a questão das mulheres Haloti, como forma de resistência e possibilidade formativa, as quais tiveram que conquistar e reafirmar seu lugar diante do povo enfrentando estruturas patriarcais e coloniais (LUGONES, 2014), sobre suas potencialidades e que principalmente, são capazes de falar por si, pelo grupo das mulheres, pelas crianças, pelos idosos e poder enfim colocar sua fala na sua real vivência e não deixar homens falar por elas.

Para nós, esse movimento fortalecerá a compreensão da vida em comunidade e para que outras meninas e mulheres reconheçam a força e luta indígena feminina, vindo a compreender que também poderão ser protagonistas junto do nosso povo Paresi. Procurei abordar a partir das narrativas de 2 mulheres Haloti suas histórias e experiências em diversos espaços dentro das aldeias Rio Verde e Kamae os processos de ocupação destas mulheres em diversos espaços.

Caminhos metodológicos

O trabalho foi desenvolvido com estudo sobre as mulheres indígenas e não indígenas com a construção reflexiva das narrativas (auto) biográficas da primeira autora, e de mais duas mulheres *Haloti Paresi* (Mulher Paresi) que foram registradas através de entrevistas realizadas em 2022. As entrevistas foram gravadas, transcritas e registradas nesse texto.

A (auto) biografia discutida por Ferraroti (2014, p. 39) reconhece que “a subjetividade ativa da autobiografia dilui-se na vida objetiva da biografia dos acontecimentos” assim, entende-se que ao trabalhar com as (auto) biografias das mulheres Haloti, estamos trazendo para o debate processos de *práxis humanas* que são singulares, mas localizadas no tempo e num espaço, o que de certo modo reflete um contexto social, político, cultural.

Apresentamos em primeiro momento as narrativas (auto) biográficas da primeira autora que é uma mulher Haloti Paresi, e em seguida, uma breve abordagem sobre o povo Haliti Paresi e sua origem, para então apresentar outras duas narrativas (auto) biográficas de duas mulheres que construíram suas vidas com o povo na aldeia, estudaram, realizaram suas formações em nível superior e atuam nas comunidades de origem.

Alzandua (2000, p. 232) entende que o “ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como “outro”. Assim a escrita seguirá em alguns momentos em primeira pessoa do singular como forma de visibilizar a individualidade e subjetividade da primeira autora, sem desconsiderar as fontes consultadas, bem como o processo de orientação considerando este um trabalho coletivo e de parceria entre a autora e a co-autora.

Narrativas (auto) biográficas: Neudvania Onaezokenazokaerose

Início o texto narrando minha história de mulher Haloti Paresi. Sou Neudvania Onaezokenazokaerose. Na minha infância, lembro que passei uma pequena parte da infância com a minha avó paterna, dona Anita. Eu lembro que naquela época que convivi com ela a gente acordava bem cedo para ir tomar banho no rio, no caminho ela falava para mim e para minhas primas que para crescermos fortes e cheias de saúde tínhamos que acordar todos os dias bem cedinho para ir ao rio tomar banho, com aquela fumaça ainda saindo da água, pois assim estaríamos purificando o nosso corpo e a nossa alma.

Me recordo das vezes que acompanhei minha avó na roça tradicional, ela plantava mandioca, e eu ficava admirando-a. Eu e minhas primas a acompanhamos tantas vezes na

Narrativas (auto)biográficas Haloti-Paresi: desafios, conquistas e protagonismo das mulheres indígenas

roça, e assim observando ela, aprendemos como arrancar mandioca, a descascar mandioca, ralar, fazer massa de mandioca, massa de polvilho, essa convivência com ela foi muito importante para mim, pois tudo que eu aprendi com ela está guardado comigo, e vou repassar para minha filha.

Dona Anita, minha avó sempre será um grande exemplo para mim, ela sempre cuidava da família com muito zelo. As crianças aprendem a fazer a massa de beiju, como expliquei anteriormente desde pequenas, e esta é uma aprendizagem tradicional do meu povo.

Ao aprender com minha avó Anita esse processo que é uma prática cultural alimentar de nosso povo, entendo que é uma forma de repassar os conhecimentos ancestrais com técnicas, processos próprios que só os Haliti realizam. Essas práticas ainda permanecem presentes na nossa cultura.

Com a minha mãe eu aprendi a ser forte, ser uma mulher guerreira, desde pequena ela sempre me incentivou a estudar, ela conta que na época dela, ela não teve a oportunidade de estudar, porque antigamente o papel da mulher Haloti Paresi era apenas cuidar da casa, cuidar dos filhos e o esposo, confeccionar artesanatos, ir buscar alimentos na roça, fazer chicha e a alimentação para sua família. Mas atualmente a mulheres Haloti tem conquistado seu espaço dentro da sociedade do povo Haliti-Paresi.

Fig. 01: Meninas Haloti aprendendo a fazer massa de beiju



Fonte: Acervo da primeira autora

Hoje temos a liberdade de escolher qual caminhos queremos seguir. Sou grata a minha querida mãe pelo incentivo, pois hoje sou essa mulher forte, dedicada, batalhadora graças a ela. Pois moramos uma época na cidade, ela abriu mão de muitas coisas para morar na cidade, para que eu e meus irmãos pudéssemos estudar, eu era pequena mas me lembro

Neudvania Onaezokenazokaerose e Amanda Pereira da Silva Azinari



que não foi fácil, porque a vida na cidade é totalmente diferente da aldeia, mas hoje com certeza ela está muito orgulhosa, pois minha irmã mais velha é auxiliar de dentista, o meu irmão é formado em pedagogia, eu estou há um passo de me formar em pedagogia intercultural, a minha irmã do meio recentemente se formou em enfermagem, e a minha irmã caçula trabalha de cozinheira no Polo Base, futuramente ela quer cursar o curso de Técnico de enfermagem. São nesses atos que vemos que as mulheres Haloti desde sempre foram muito guerreiras e batalhadoras. Após muita luta conseguiram construir a escola na aldeia Rio Verde, e assim retornamos para a aldeia e concluir o ensino médio da aldeia.

No ano de 2013 recebi uma proposta da minha tia Tereza para dar aula para os alunos do EJA – Educação de Jovens e Adultos, na hora eu fiquei muito pensativa, mas aceitei esse desafio. Foi um desafio que eu aceitei, e que deu muito certo, pois eu me identifiquei com o trabalho e naquele momento eu descobri qual profissão eu iria seguir. Sou grata a minha tia Tereza por ter dado essa oportunidade, pela confiança que teve em mim, porque ser professora é uma responsabilidade muito grande. Desde então, estou atuando na sala de aula até o presente.

Hoje a minha inspiração para continuar correndo atrás dos meus objetivos são as professoras Nilce, professora Tereza e a professora Edicléia, pois desde pequena eu vi a luta delas, os desafios que elas tiveram que enfrentar para chegar onde elas estão hoje. Atualmente, elas são muito respeitadas pelo povo Haliti-Paresi e pela sociedade não indígena. No ano de 2015 saiu o edital da FAINDI – Faculdade Indígena Intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso, na hora que eu fui comunicada que estava aberto para fazer a inscrição, eu logo peguei carona com o meu tio Salomão até a cidade de Tangará da Serra-MT para fazer minha inscrição.

Nas vésperas da prova do vestibular da FAINDI eu estava em Campo Novo do Parecis participando dos jogos indígenas, e por isso me lembro que muitas pessoas duvidaram de mim, ouvi muitos comentários maldosos, muitas pessoas duvidaram de mim. A única pessoa que me incentivou foi o meu pai e a minha prima Alessandra. Mesmo com tantas pessoas dizendo que eu não conseguiria ser aprovada, eu peguei carona com meu amigo Gilmar e vim fazer o vestibular aqui no Campus da UNEMAT de Barra do Bugres-MT.

Eu sempre acreditei que eu era capaz, e dia 02 de dezembro de 2015 saiu o resultado, confesso que na hora que chegou o resultado no meu e-mail fiquei com um pouco de medo, mas quando abri o meu e-mail vi meu nome lá, da minha etnia eu passei na primeira colocação. Eu fiquei sem acreditar, meu pai estava comigo nesse exato momento eu falei pai eu consegui, eu passei no vestibular. Nesse exato momento eu confirmei, mais uma vez que

para chegar onde nós queremos basta a gente acreditar que somos capazes e também termos oportunidades.

Me casei com o Baggio Yawalapiti em setembro de 2016, e em novembro de 2016 eu teria que enfrentar mais um desafio, pois em novembro iniciava a primeira etapa da Faculdade Intercultural na UNEMAT, na cidade de Barra do Bugres-MT, meu esposo me deu a maior força para iniciar mais esse desafio. E assim fui para Barra do Bugres, para a primeira etapa do meu curso de Pedagogia Intercultural, e assim conheci a coordenadora do nosso curso a professora Waldineia Antunes de Alcântara Ferreira, uma mulher muito guerreira, ela nos recebeu com tanto carinho, me senti tão acolhida.

Durante a minha trajetória na faculdade tive que enfrentar vários desafios, mas nunca pensei em desistir, mesmo as vezes parecendo impossível chegar até onde eu cheguei. Um dos meus maiores desafios foi ter que deixar minha filha com o pai dela, eu sofri muito todas as vezes que eu a deixei. Muitas vezes não me senti capaz, mas nesses momentos de desespero, dificuldades apareceu mulheres incríveis na minha vida, uma delas foi a professora Dineva Kayabi que me contou toda a sua trajetória acadêmica, ela conversou muito comigo, me aconselhou, e principalmente me incentivou a não desistir.

Meu esposo também foi muito importante na minha trajetória acadêmica, pois ele sempre me incentivou, cuidou da nossa filha enquanto eu estava aqui na faculdade, sem a ajuda dele tudo seria tão mais difícil, cada etapa eu me dedicava ao máximo para adquirir conhecimentos valiosos para a minha formação, todas as dificuldades que surgiam no meu caminho eu logo pensava, eu sou capaz eu consigo, e é claro logo pensava na minha filha, eu estou aqui por mim e por ela, pois estou aqui buscando novos conhecimentos de grande valor para a minha formação, e futuramente quero que ela se orgulhe da mulher que eu sou e estou me tornando, quero poder dizer a ela que nós somos mulheres capazes sim, de ocupar o espaço que quisermos, mesmo que ninguém nos apoie basta a gente querer e ir à luta.

No mosaico de imagens abaixo, procurei retratar um pouco dessas vivências dentro da FAINDI que me possibilitaram reafirmar a importância do meu povo e da minha cultura, como também, sobre a participação das mulheres indígenas nos diversos espaços como forma de fortalecer e conquistar direitos já assegurados na Constituição Federal de 1988, e muitas vezes, desrespeitado pelo Estado. Escolhi esse tema porque quero reforçar a força que as mulheres Haloti-Paresi tem hoje, pois hoje temos muitas mulheres conquistado o seu espaço, quero poder incentivar as nossas crianças, jovens Haloti a ser aquela que luta pelos seus direitos na sociedade Haliti-Paresi, na sua casa, na sua cultura, ser aquela que valoriza o conhecimento que aprendeu e busca aprender cada vez mais. E hoje estou quase alcançando um dos meus objetivos que é me formar na área da pedagogia, não foi fácil chegar

até aqui, mas sei que sou capaz de encarar outros desafios como a aprovação no Mestrado Indígena em 2023.

Fig. 02: Atividades da graduação em Pedagogia Intercultural na FAINDI



Fonte: Acervo da primeira autora

A mulher Haloti

A mulher Haloti tem um papel fundamental na educação dos seus filhos, onde a criança aprende muita coisa com a sua mãe e avó. Os conhecimentos são transmitidos durante as atividades do dia a dia ou em momentos especiais como as festas tradicionais. Do ponto de vista cultural é muito delicado registrar algumas coisas, pois muitas são proibidas, mas de modo geral a mulher Haloti tem suas funções insubstituíveis no processo do preparado dos alimentos, sejam eles para parte do dia a dia como para festas e eventos culturais. Não são todas as danças e cânticos que podem participar, por isso o conhecimento prévio aprofundado da cultura, na parte da educação indígena (informal) é muito importante. Os trajes culturais são diferentes, mulheres usam saia, seus cabelos compridos (como se fosse uma espécie de véu) faz parte da composição da sua beleza assim como também brincos, colares, pinturas específicas femininas permitem ornamentar ainda mais a Haloti.

A mulher Haloti é forte, cuida do seu lar, participa de reuniões da sua comunidade e do seu povo. Com seu olhar mais delicado, consegue perceber detalhes que as demais lideranças homens, algumas vezes, não vê, assim como também a importância de ela mesmo

falar por si, destacando suas necessidades, prioridades e objetivos. Conforme relatou Dona Helena, uma anciã, falecida em 2022, em entrevista concedida a mim e minha prima durante a formação continuada da Secretaria municipal de Educação de Tangará da Serra realizada anterior a pandemia da Covid-19, a mulher Haloti Paresi tem um mito de origem a respeito do surgimento da mulher Haloti, o qual apresento na subseção abaixo.

Surgimento da História das Mulheres Haloti Paresi

Desde o nossos ancestrais *wazare* com irmão saiu dentro da ponte de pedra juntos com as esposas, andaram por todas cabeceiras em todos os seus respectivos nomes. Antigamente as mulheres não menstruavam somente os homens ficavam menstruados, um velho quando menstruado se surpreendeu com a presença da neta que logo perguntou para o avô: Que isso você está sangrando vô? Ele ficou com raiva e encostou se na neta que logo passou para ela. Foi assim que as mulheres começam a menstruar. Após a saída dos ancestrais, eles mataram suas esposas, então começaram a procurar outra mulher para casar novamente com *Atyahitsonero* (rainha de árvore). *Wazare* e seus irmãos encontram as filhas da rainha das arvores (*Atyahitsonero*) e com elas se casaram. Essas, por sua vez, também não se encontravam completas, isto é, seus corpos não estavam prontos para copular e conceber. O processo de humanização das mulheres se fez através dos maridos, que detinham os instrumentos necessários para torná-las Haloti (ser humano do sexo feminino). Utilizando-se de um dente de paca, os homens modelaram a vagina das mulheres, tornando-se seus criadores.

As mulheres também participaram da humanização dos seres míticos, uma vez que foram elas que ordenaram as mutucas que modificassem o órgão sexual masculino, de forma a adequá-lo ao tamanho de suas vaginas. Os frutos destas uniões foram os Haliti Kozarene (filhos de Kamazo), os Katxiniti (filhos de Zaolore), os Warere (filhos de Kono), os Kawali (filhos de Tahoe) e os Waymare (filhos de Zakalo e Zaliya). *Wazare* não gerou filhos e *Kamaihiye* também não deixou descendente: os Waymare são filhos de dois irmãos que mantiveram relações sexuais com a mesma mulher.

Os Kozarene, Katxiniti, Waymare, Kawali e Warere nasceram completamente humanos, o que está claramente expressa na noção de Haliti (gente – gênero humano), que é aplicada para a totalidade de seus descendentes. *Wazare* destinou a cada irmão um território determinado, dando surgimentos a grupos sociais específicos.

A mulher Haloti deve ser aquela que luta pelos seus direitos na sua casa, na sua cultura, deve ser aquela que valoriza o seu conhecimento que aprendeu e busca aprender cada vez mais e a mulher que busca ser forte valorizando a sua cultura e tradições e seus conhecimentos, a mulher Haloti deve sempre estar consultando os idosos e anciãos para elas não perderem os conhecimentos tradicionais sempre aprender cada vez. A pesquisa foi realizada com duas senhoras da aldeia Kotitiko, sobre Surgimento da História das mulheres Haloti Paresi, a senhora Helena Ezokero (Tsutsuka) na aldeia Kotitiko, segunda pesquisa com senhora Rosália da aldeia Kotitiko.

O tema Direitos, Lutas e Movimentos é da maior relevância para a população indígena brasileira. Sua veiculação na escola, ao longo do ensino fundamental, é importante para que cada aluno índio saiba e conheça os seus direitos - aqueles inerentes a todo ser humano, aqueles assegurados na Constituição e o potencial de conquista de outros novos (BRASIL, 1998, p. 99).

É muito importante valorizar e fortalecer sobre o protagonismo da Mulher Haloti Paresi de antigamente e da atualidade e preservar a história das Haloti que são idosas e anciãs, começar a ser registrada para ficarem na memória. E também considero necessário visibilizar as conquistas dessas mulheres e inserir na escola e no âmbito da formação de professores inicial e continuada a temática das mulheres.

A participação das mulheres Haloti no Movimento de Mulheres Indígenas

As mulheres indígenas sempre se organizaram politicamente de diversas formas. Nos anos 1980 os movimentos se intensificaram o que resultou na Constituinte de 1988. Participei da 1ª Conferência de Políticas Indigenistas em Brasília de 2015. No Acampamento Terra Livre de 2019 em Brasília, luta contra a PL 490 do marco temporal, reuniram-se muitas lideranças, jovens, homens e mulheres indígenas de todo país. Tivemos a presença de duas Haloti, porém não houve oportunidade para registrar aqui uma entrevista com uma delas devido ao excesso de compromisso de ambas. Foram mais de 500 mulheres de diversas regiões do Brasil, que marcharam junto com os homens na Esplanada dos Ministérios. No ATL, elas realizaram sua própria plenária, na qual foi discutida a 1ª Marcha Nacional das Mulheres Indígenas, realizada em agosto do mesmo ano, junto com a Marcha das Margaridas, também em Brasília. Esses foram momentos importantes para complementar o mapeamento das organizações de mulheres indígenas. (ISA, 2020, s/p). As mulheres indígenas de modo geral têm a cada dia compreendido a importância de ter um movimento próprio, de lutar junto com

os homens, mas também de ter luta própria de mulheres. Atualmente existem 85 organizações de mulheres indígenas no Brasil, sendo 7 departamentos, 92 organizações de mulheres no total. Há presença de organizações indígenas em 21 estados brasileiros (ISA, 2020). Segundo os mesmos dados do Instituto Socioambiental de 2020, na região Centro Oeste do país foram registradas 14 organizações, conforme quadro abaixo

Quadro 01: Associações e organizações de mulheres indígenas em MT e MS

Organização	Município/Estado
1. Associação das Mulheres da Aldeia Bananal	Aquidauana-MS
2. Associação das Mulheres Indígenas da Aldeia Água Branca	Aquidauana-MS
3. Associação das Mulheres Indígenas da Aldeia Ipegue	Aquidauana-MS
4. Associação de Mulheres Indígenas de Dourados	Dourados-MS
5. Associação de Mulheres Indígenas Terena Urbana	Campo Grande-MS
6. Kunãngue Aty Guasu	MS
7. Associação de Mulheres Indígenas de São Domingos	Luciara-MT
8. Associação Indígena das Mulheres Apiaká, Kaiabi e Munduruku	Juara-MT
9. Associação Indígena de Mulheres Rikbaktsa	Cotriguaçu-MT
10. Associação Yamurikumã das Mulheres Xinguanas	Canarana-Mt
11. Instituto Yukamaniru de Apoio as Mulheres Indígenas Bakairi	Cuiabá-MT
12. Organização de Mulheres Indígenas Takina	Cuiabá-MT

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

A Takina foi a primeira organização de mulheres indígenas criada no ano de 2009 e participam mulheres indígenas de 43 povos do estado, de sete regionais que compõem a FEPOIMT – Federação dos Povos Indígenas de Mato Grosso. Em 2022 também aconteceu outro “Acampamento Terra Livre” que é hoje o mais forte, é a 14ª vez do acampamento em Brasília e segundo reportagem do “A voz das mulheres indígenas no Acampamento Terra Livre – ONU Mulheres” no dia 25 de abril de 2022 reuniram em planária só as mulheres indígenas e essa foi a segunda vez que as mulheres indígenas conseguiram estar na pauta oficial do evento, então tem muita luta para as mulheres indígenas. Este ano, o tema da Plenária das Mulheres Indígenas no ATL foi a etapa ampliada da 1ª Conferência Livre de Saúde das Mulheres Indígenas. As discussões advindas da 1ª Conferência Livre foram

debatidas e validadas na plenária. As propostas vão alimentar a Conferência Nacional de Saúde das Mulheres, a ser realizada pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) no segundo semestre deste ano (ONU MULHERES, 2022).

Mulheres Haloti na Educação Escolar Indígena

De modo geral, a mulher em todas as culturas teve que lutar para conquistar seu lugar. Na sociedade não indígena, as mulheres pertencentes a grupos com melhores condições econômicas tiveram seu ingresso no trabalho devido a Revolução Industrial. Desde a 1ª Revolução Industrial, no final do século XVIII, as mulheres fazem parte do mercado de trabalho. Elas precisavam trabalhar para sustentar as famílias enquanto os homens estavam na guerra e as fábricas precisavam de mão de obra. Dessa forma o sexo feminino foi inserido na indústria (GIOVANNA, 2019). Já as mulheres negras encontravam-se em várias frentes de trabalhos considerados subalternos como: agricultura, limpeza, cozinha, amas de leite, etc. Entre as mulheres indígenas, há registros que desde 1980 a participação das indígenas em movimentos, principalmente escolares (ISA, 2020), mas anterior a isso, as mulheres indígenas fizeram resistência frente ao massacre, genocídio e violências das diversas naturezas. Na aldeia Rio Verde as Haloti participam em vários momentos nas ações da aldeia realizando trabalhos de diversas naturezas.

Antigamente as mulheres Haliti Paresi não se importavam em ter um emprego tanto na área da educação ou na área da saúde. Porque também não havia essa necessidade considerando que eram outros tempos. Apenas se preocupavam em cuidar dos filhos e com os afazeres da casa. Também não participavam dos movimentos que eram específicos de mulheres. Isso começou a mudar na década de 80. Foi nessa década que a dona Deolinda foi uma das primeiras Haliti a atuar como professora. Já dona Miriam, Maria Helena começaram a atuar nesse cenário da educação entre a década de 85 e 90, foi nessa década de 90 que a professora Nilce começou a trabalhar na aldeia rio verde ela foi a primeira Haliti atuar como professora nessa região da aldeia Rio Verde e na região dos *Waimare* as primeiras Haliti atuar como professora foram a dona Deolinda e dona Mirian.

Durante a entrevista com a professora Teresa Cristina eu descobri que antes de todas essas Haloti que trabalharam como professora, que a dona Clarice que hoje ainda viva foi a primeira Haloti que atuou como professora nas aldeias, e ela trabalhava por amor ao seu povo pois não recebia salário.

E no ano de 1982 a professora Sandra, a dona Teresinha e a professora Nilce entraram no projeto Tucum para adquirir mais conhecimento. Elas foram as primeiras guerreiras Haloti Paresi a se interessarem pela educação escolar indígena. Secchi (2009) fala em seu livro “Professores indígenas em Mato Grosso: Cenários e perspectivas” que o projeto Tucum foi um dos grandes projetos de formação específica de professores indígenas do Mato Grosso com o objetivo de formar professores para atuar dentro de sua própria comunidade buscando entre várias questões sanar uma das preocupações da época em que famílias se mudavam para cidade em busca de estudos para seus filhos.

Narrativa (auto) biográfica de Edicleia Paresi: a mulher na docência

Edicleia Paresi, possui 33 anos, foi uma das primeiras mulheres Haloti a ingressar no mestrado em educação. Para nós é motivo de orgulho tê-la como uma grande referência feminina que tem origem Paresi.

Edicleia é professora da aldeia Kamãe, mora na aldeia Katyalarekoa e município Tangara da Serra-MT, sua formação licenciatura intercultural línguas, arte e a literatura, trabalha com a multidisciplinar, séries iniciais, esse ano começou trabalhar com Pré I e Pré II. Segue a fala: *Com minha história sendo fortalecida como professora, compreendi ser importante cursar graduação na Faculdade Indígena Intercultural, então, fiz vestibular, no ano de 2010, mesmo sabendo que era muito concorrida, mas passei no vestibular. Escolhi a área de Língua, Artes e Literatura para a Graduação e busquei novos conhecimentos para melhorar a formação indígena das nossas crianças. Porque escolhe esse área importante fazer a pesquisa a nossa língua Materna fortalecendo a nossa identidade como nos pesquisador buscado ao conhecimentos nossos anciões que estão vivo registrado memória deles e fortalecer a nossas língua. Quando entrei na faculdade, tive muita dificuldade para compreender a parte da língua Portuguesa, porque a segunda língua, consegue alcançar o meu objetivo. Concluindo o curso com a defesa do meu TCC, em 2016, com tema: “A confecção do artesanato Xiri”. Então, sou graduada em Licenciatura Línguas Arte e literatura. Fui contratada no Sistema Estadual de Ensino Estado e já trabalhei com curso de Magistério Específico e Diferenciado Kamahiye. Ainda continuo a ser professora no município de Tangará da Serra, onde atuo há sete anos em sala de aula multidisciplinar, nas séries iniciais na escola Zozoiterô. Moro com meus pais. Estudo não é fácil e conquistar o que se sonha custa muito sofrimento. Mas, sempre acreditamos em nosso Enore (Deus). No ano de 2020 concorri a uma vaga do Mestrando Indígena da UNEMAT e, quase não esperava, mas fui*

aprovada. Agora, ainda no mestrando, penso que é preciso aprofundar a minha pesquisa sobre nossos conhecimentos, com o objetivo de, cada vez mais, fortalecer a cultura que nos foi legada pelos anciões ainda vivos e os que já nos deixaram. Minha pesquisa é sobre a nossa realidade, mas através do meu curso aprendi muita coisa boa para o meu futuro. Hoje estou muito feliz de fazer parte do grupo de Professores Indígenas e contribuir com a minha comunidade. Há muito trabalho a fazer com as histórias do meu Povo Haliti Paresí. Sou mulher batalhadora e guerreira e muito grata a minha vida abençoada. Assim, penso na importância deste trabalho, trazendo as ideias do meu avô, João Arrezomãe e Daniel Matenho Cabixi para que a Educação Escolar seja uma ferramenta de fortalecimento da cultura tradicional Haliti Paresi. (Entrevista concedida em 2022).

Edicléia optou por falar de sua história a partir da entrada na Faculdade Indígena. Se formou na área de Língua, Artes e Literatura, e relata que teve dificuldades principalmente com compreensão da língua portuguesa. A mesma também informa que trabalhou no Magistério Específico e Diferenciado Kamahiye Ela é professora em Tangará da Serra há 7 anos, faz menção aos seus avós e a importância do estudo. Reconhece a entrada no mestrado indígena específico da UNEMAT como uma grande conquista para ela e seu povo.

Ao relatar o desafio de entender a língua portuguesa Edicléia nos apresenta as dificuldades e o sistema ainda colonial que impera nas universidades ao nos obrigar a falar uma língua chamada de oficial, que de fato é a língua do colonizador, a língua Portuguesa. Isso desconsidera as mais de 270 línguas indígenas faladas no Brasil.

Nesse sentido é que concordamos com Alzandúa (2000, p. 231) quando diz “[...] esperam que nos adaptemos a suas expectativas e a sua língua [...] não podemos deixar que nos rotulem. Devemos priorizar nossa própria escrita e a das mulheres do terceiro mundo”.

A língua é um instrumento de poder, negar nossa língua materna é nos privar de sermos que somos. Não há como narrar nossa história usando uma língua que não nos constitui.

Narrativa (auto) biográfica de Josiane Okenazokie: a mulher na saúde

Destaco aqui a primeira mulher contratada na saúde na aldeia Rio Verde que foi a senhora Luciana Nezokemairo e na educação que foi a professora Nilce Zonozokemairo. Ambas que abriram a porta para as demais Haloti da comunidade, estimulando-as para buscar formações e assim servir o seu povo/comunidade. Essas mulheres ocupam espaços sociais de trabalho e também são lideranças dentro da comunidade do meu povo, participam das

decisões de muitas coisas na comunidade e participam de organização e de encontro de mulheres. São várias as mulheres que hoje são lideranças e são respeitadas na minha aldeia, vou trazer a entrevista que fiz com a professora Josiane. Iniciei a entrevista com Josiane Okenazokie, fui entrevistá-la na minha aldeia. Ao conversar com a mesma, ela preferiu escrever para mim, e assim segue seu relato.

Nasci no dia 09/06/1995. Sou indígena da etnia Paresi Haloti. Moro na aldeia Rio Verde, município de Tangara da Serra- MT. Meus pais são Carlito Okenazokie e Luciana Nezokemairo. Sou casada com Claudemir Hunizokemaece desde os 14 anos de idade, tenho hoje três filhos. Antes de cursar enfermagem, trabalhei como auxiliar odontológica na mesma aldeia que moro, porem tive que deixar meu emprego para cursar faculdade. Desde pequena sempre estudei na minha aldeia onde possui escola municipal que é a Zozoitero e a estadual que se chama Malamalali, onde os professores são todos indígenas e sempre nos incentivavam a estudar. Eles falavam um pouco da sua experiência com o homem branco e como eram indígenas sempre respondíamos na nossa própria língua materna, mas também nos incentivavam a falar e ler em português. Escolhi cursar Enfermagem porque minha mãe sempre ajudava a cuidar da equipe de saúde e me identifique e a partir daí veio o sonho de ser enfermeira. Com o apoio do meu esposo fiz o vestibular na UNEMAT, passei em 11º lugar e fiquei muito feliz. Eu e minha família fomos morar em TANGARÁ da Serra na casa do meu pai, me agosto de 2014. Era gente. No começo isso me afetava muito, ficava triste porque me sentia desprezada, mas nunca deixei que me botassem para baixo. Com cabeça erguida sempre não deixava mostrar o que me afetava e com o tempo mostrei que sou capaz sim de fazer e apresentar meus trabalhos e com isso ganhei o respeito de algumas pessoas. Nessa mesma época fizemos ações no município chamada Limpa Tangara que era informar a população sobre o lixo. No final do semestre conseguir passar em todas as disciplinas. No segundo e terceiro semestre participei de oficinas e palestras que tive na semana da enfermagem. Participei de uma amostra científica onde enfrentei mais uma vez o preconceito onde achavam que eu não iria conseguir fazer meu trabalho, mas no final deu tudo certo e também fui palestrante na semana do curso falando sobre a enfermagem indígena. Quando fui fazer o quarto semestre decidi transferir para a UNIC. Foi uma decisão difícil de tomar. Foi uma decisão difícil de tomar porque era uma faculdade particular, conversei com meu esposo e ele falou que a decisão teria que ser minha.

O que mais pesou na minha decisão foi o fato das greves na universidade pública e a falta de transporte, pois a UNEMAT fica fora da cidade. Com a transferência consegui aproveitar algumas disciplinas, pois o curso de enfermagem na UNIC era novo. Lá pude ter a oportunidade de participar de um congresso que teve em Cuiabá com mais duas colegas da

turma e isso proporcionou novos conhecimentos como o fato de aprender que a enfermagem pode atuar em várias áreas. Não enfrentei tanto preconceito nesta faculdade e com meus colegas pude participar de palestras em escolas e outros projetos. Em 2019 fui estagiária na CASAI Tangará, onde eu acompanhava os pacientes, lá fiquei 6 meses. Quando veio a pandemia nossas aulas foram paralisadas. Em 2020 estava no último ano da faculdade e fiz estagio supervisionado no hospital da criança onde foi muito importante e pude aprender mais ainda onde reforcei o fato de ter escolhido a profissão certa para minha vida. Quando veio o trabalho de conclusão de curso estava muito nervosa. O tema que escolhi e foi aceito chamava-se “Assistência de enfermagem ao bebê prematuro”.

Meu sonho tinha sido enfim realizado, estava formada. No dia 12 de agosto de 2021 as 18 h foi realizada a colação de grau, onde se faziam presentes minha família, meu esposo e meus filhos. Agradei a Enohe que é nosso Deus e meu esposo por sempre me apoiar e nunca desacreditar de mim, assim como meus pais. Hoje em dia estou cursando minha pós em saúde coletiva em enfermagem na FAVENI. Fiz o processo seletivo em Cuiabá, na empresa São Vicente de São Paulo e fui chamada para entrevista no dia 12/05/2022 e agora aguardo resultado. Com isso encerro meu relato dizendo que nada é impossível e não basta só sonhar, temos que querer, lutar pelo que queremos e que somos sim capazes de conquistar nosso lugar em qualquer área. Nós mulheres indígenas somos fortes e somos capazes de tudo para conquistar nosso lugar. Tenho orgulho de mim porque não foi fácil, mas também não foi impossível. (Entrevista concedida em 2022).

A narrativa acima demonstra a trajetória de Josiane, que tem. A mesma se formou aos 27 anos de idade em enfermagem pela UNIC em 2022. Foi estagiária da CASAI, teve o desafio de retomar os estudos, pois estava em processo de formação no período de pandemia o qual foi paralisado como todas nós sabemos. Josiane é uma mulher que conquistou sua formação e representa também uma conquista para nós mulheres Haloti. Já está cursando sua pós-graduação e compreende que conquistou um sonho, o de se formar.

Para nós mulheres indígenas cursar a escola e depois o ensino superior é um desafio muito grande. Primeiro porque temos que nos deslocar muitas vezes de nossos municípios para estudar e deixar filhos e filhas, esposo, nossa casa e afazeres para conquistar este espaço. Isso para muitos povos é um processo de interferência na cultura. Mas nosso povo reconhece que a formação superior possibilita ampliarmos o diálogo com as sociedades não indígenas e compreender melhor o universo em que estamos inseridas. Seguindo as orientações da Conferência Mundial sobre Educação Superior da UNESCO de 1998.

As políticas públicas de inclusão dos povos indígenas na universidade e atenção às mulheres estão baseadas nessas recomendações, nas quais defendesse a necessidade de

reconhecimento e apoio ao direito das mulheres e das meninas indígenas à escolarização. (FAUSTINO, 2020, p. 10). Compreendendo a participação das mulheres indígenas nos diversos espaços sociais é ainda um processo em curso, entendi que a educação foi uma das formas de emancipação no sentido de fortalecimento do próprio movimento indígena e também da educação escolar indígena. Por isto, reconheço que as conquistas das mulheres indígenas Haloti são parte de um processo histórico de desafios e dificuldades, mas que já avançou no sentido de oportunidades de participação e atuação política, educacional, econômica.

Considerações finais

Alzandúa (2000, p. 234) nos convoca a “[...] assumir nossa responsabilidade, colocá-la em nossas mãos e carregá-la com dignidade e força”. Assim, entende-se que a mulher indígena possui uma força imensurável, carrega em seu corpo e sua alma parte do seu povo. Tem como papel principal no seu grupo a continuidade da vida e é por isso que precisa ser ouvida, valorizada, cuidada e protagonista da sua própria história. Há séculos resistimos e enfrentamos as violências trazidas com a colonização, sobrevivemos porque estamos sempre em coletividade.

Compreender a posição da mulher dentro do seu próprio povo é construir junto com as demais lideranças um futuro com condições dignas de vida para os que ainda virão e por isso, os movimentos são tão importantes porque neles há trocas de conhecimentos e fortalecimento de toda a comunidade.

A mulher indígena, ao buscar meios de se profissionalizar contribui com sua comunidade, protagoniza sua própria história e tem a possibilidade de inspirar futuras gerações.

A UNEMAT por meio da FAINDI representa este espaço significativo de valorização das comunidades e povos indígenas de Mato Grosso, reconhecendo nossas especificidades enquanto povo, o que valoriza nossas identidades étnicas, inclusive contribui para que as mulheres indígenas tenham visibilidade e respeito com discussões, projetos e formas de acolhimento que nos deixam mais seguras e crendo em nós mesmas.

Estar na Universidade, ainda mais no Brasil, é motivo de alegria e resistência, pois fomos excluídas da maior parte dos processos formais de educação, desconsiderando nossos saberes e conhecimentos ancestrais.

É observável os avanços no sentido de valorização das mulheres Haloti com seus

processos de formação cultural e profissional. As mulheres ao se mobilizar em organizações coletivas em suas aldeias ou em conjunto com outras comunidades, conquistam direitos fundamentais como a formação superior, a saúde indígena, as escolas atuando como docentes, os programas de pós graduação.

Referências

ALZANDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos feministas**. Trad. Edna de Marco. Ano 8, 1º semestre de 2000.
BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.
FAUSTINO, Rosângela Célia. NOVAK, Maria Simone Jacomini. RODRIGUES, Isabel Cristina. O acesso de mulheres indígenas à universidade: trajetória de lutas, estudos e conquistas. In **Tempo & Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e. 0103, jan./abr. 2020.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio. FINGER, Matthias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010.

FERREIRA, Waldineia Antunes de Alcântara. ZONIZOKEMAIRÔ, Nilce. **EDUCAÇÃO ESPECÍFICA E DIFERENCIADA**: complexos culturais da língua materna Haliti-Paresi. Palmas, v. 7, n. 1, p. 1-16, jan-mar, 2021.

ISA. Instituto Socioambiental. **Organização das mulheres indígenas no Brasil**: resistência e protagonismo. Disponível em < <https://site-antigo.socioambiental.org/ptbr/noticias-socioambientais/organizacoes-de-mulheres-indigenas-no-brasil-resistenciae-protagonismo>> Acesso em 04 de jul. 2022.

MARCHA. **Primeira marcha das mulheres indígenas**. Território: nosso corpo, nosso espírito. Brasília, 2019. Disponível em <https://cimi.org.br/2019/08/marcha-mulheres-indigenas-documento-final-lutar-pelos-nossos-territorios-lutar-pelo-nosso-direito-vida/> Acesso em julho 2022.

ONU MULHERES. **A voz de mulheres no acampamento Terra Livre**. Disponível em: Acesso em 02 de jul. 2022. HALIT-PARESI. Plano de Gestão Haliti Paresi. Território indígena Haliti Paresi. Mato Grosso: Operação Amazônia Nativa, 2019.

SECCHI, Darci. Professores Indígenas em Mato Grosso. In **Cenários e Perspectivas**. Cuiabá: EdUFMT, 2009. (Coletânea Educação Escolar Indígena, v. 4).

Fontes orais consultadas

Entrevista de Josiane Okenazokie, concedida no dia 10 maio de 2022.
Entrevista de Edicleia Paresi, concedida no dia 22 de junho de 2022.

Recebido: 15/02/2023
Aprovado: 30/03/2023
Publicado: 01/05/2023